

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 3 DE DEZEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 133

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

| | |
|--|---------------------|
| Expediente..... | |
| Notas para a nossa historia..... | Capistrano de Abreu |
| Paysagem, soneto..... | Isidoro Martins J. |
| Escriptores do Norte do Brazil..... | Franklin Tavora. |
| No cemiterio, soneto..... | J. Duque Estrada. |
| Naturalismo e pessimismo..... | Araripe Junior. |
| Diplomatico, soneto..... | Coelho Lisboa. |
| Prefacio das «Contemporaneas»..... | Theophilo Dias. |
| Os tres abysmos, poesia..... | Eugenia Lobo. |
| Estudos da Litteratura Brasileira..... | Sylio Romero. |
| Soneto..... | Corrêa de Almeida. |
| Lexicologia didactica..... | G. Bellegarde. |
| Contemporaneas, poesia..... | Augusto de Lima. |
| O combate da passagem da Laguna..... | Dr. Gama Roza. |
| Perdão, soneto..... | Oliveira e Silva. |
| Festas litterarias..... | |
| Theatros e diversões..... | |
| Diversas publicações..... | |

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE E NICHEROY

| | |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 48000 |
| Anno..... | 88000 |
| PROVINCIAS | |
| Semestre..... | 58000 |
| Anno..... | 108000 |

As assignatures tomadas e pagas desde já vigorarão :
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :
J. Verissimo de Mattos, na cidade de Manaus (Amazonas).
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife ;
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto (Santa Catharina).

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha :

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha :

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

Notas para a nossa historia

II

Però de Magalhães de Gandavo publicou em Lisboa em 1576 uma *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Dedicou-a a D. Leonis Pereira, governador que fóra de Malaca. Luis de Camões juntou-lhe uma elegia para introdução. E sendo este o primeiro livro em Portugal impresso sobre o assumpto, foi muito lido, algumas idéas nelle apresentada pela primeira vez passaram a outras obras, e a *Historia* tornou-se tão rara por fim que da primeira edição se conhecem apenas dous exemplares, um dos quaes em nossa Bibliotheca Nacional.

Antes da *Historia*, por 1568, escreveu elle um *Tratado da terra do Brasil* só vulgarizado mais tarde, em 1826. E' dedicado ao cardeal D. Henrique, e no prologo assegura-nos o autor que os dias passados offerecera outro a D. Sebastião.

Não se conhece este; mas em compensação possuímos um de que não havia antes noticia. E' dedicado á rainha D. Catharina, existe manuscrito e anonymo em Londres, no *British Museum*, e d'ahi, graças ao zelo e dedicação incansavel do Sr. conselheiro Silva Paranhos, veiu uma copia para esta côrte.

A comparação entre o tratado dedicado a D. Henrique e o dedicado a D. Catharina mostra que as Juas obras são exactamente a mesma. A copia de Londres é, porém, mais fiel e apresenta algumas variantes apreciaveis. Para qualquer reimpressão deve ser preferida á que scriuiu para a edição de Lisboa de 1826. Provavelmente o livro dedicado a D. Sebastião não passava de outra copia com ligeiras variantes, e a sua perda não é desfaque para a nossa litteratura historica.

Mas em um ponto a edição de Lisboa leva vantagem á copia de Londres: contém um capitulo, o ultimo, que falta inteiramente nesta. Como explicar esta omissão? Não é porque o assumpto fosse menos interessante que os que occupam outras paginas, — veremos o contrario. Talvez o motivo fosse que o facto a que se refere o autor chegou a seu conhecimento no intervalo entre a apresentação da copia a D. Catharina e a apresentação da copia a D. Henrique. E' por isso que vem na ultima pagina, como acrescimo de ultima hora.

O facto que Magalhães de Gandavo narra é o seguinte :

Chegaram a Porto Seguro uns Indios do certão a dar novas de certas pedras verdes que existiam n'uma serra alongada para o interior. Trouxeram consigo algumas, que foram reconhecidas como esmeraldas, mas não de muito preço. Sabendo disto os habitantes da

capitania, reuniram-se em numero de cincoenta a sessenta, e acompanhados de alguns Indios penetraram pelo certão. Ia por chefe um Martim Carvalho, que depois mudou-se para Bahia (talvez o senhor de engenho de que falla G. Soares a p. 137), e com elle andaram algumas duzentas e trinta leguas, por espaço de oito mezes. Passaram muitas serranias de crystal, outras de terra azulada em que se desconfia haver ouro, até que n'um riacho encontraram alguns grãos miudos, amarillos, muito pesados, que apalpados nos dentes acharam-se brandos mas não se desfaziam. Apanharam delles um punhado, julgando que fosse o precioso metal e seguiram para adiante; mas a falta de mantimentos, o receio dos inimigos, as doenças que assolavam a gente exigiram a volta, e elles tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chama Cricaré, onde se perdeu n'uma cachocira a canoa em que vinham os suppostos grãos de ouro que traziam para mostras.

E' o que diz Gandavo no capitulo IX da segunda parte do seu *Tratado*. Si as considerações antes formuladas têm algum fundamento, a expedição deve ter tido logar antes de 1567 ou 1568. E' portanto esta a terceira expedição conhecida que ao Norte do Brasil penetrou o certão a cata de minas. Tem alguns pontos de contacto com a de Spínosa, mas parece ter ido mais para o Sul, pois desceu pelo Cricaré, actualmente chamado rio de S. Matheus.

Ainda de Porto Seguro partiram duas expedições commandadas por Sebastião Fernandes Tourinho, parente dos donatarios da capitania. Apenas se sabe que são anteriores a Luis de Brito e Almeida, que chegou ao Brasil em 1573. E devem ser posteriores á de Martim Carvalho, sinão Gandavo tel-as-ia mencionado de preferencia, pela posição social do agente. De ambas dá rasão Gabriel Soares (*Tratado descriptivo do Brasil*), p. 60 61, e 69 70, da edição de 1851, seu contemporaneo, que passamos a aproveitar.

Como elle não nos diz qual das duas expedições realçou-se primeiro, e narra uma a proposito do Jequitinhonha e outra a proposito do rio Doce, seguiu-o-ei por agora, deixando para depois examinar em que ordem chronologica succederam.

Sebastião Fernandes Tourinho, diz-nos elle em resumo, morador de Porto Seguro, entrou pelo certão com alguns companheiros e andou por elle alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhavam, até que chegaram em direito do Rio de Janeiro, como conheceram pela altura do sol e pela serra dos Orgãos. Retrocedendo, chegaram a um campo grande onde acharam lagoas e riachos que corriam para o rio Grande, e indo com o rosto ao Noroeste, caminhadas umas trinta le-

guas por serras de pedras, tornando a leste encontraram um rio chamdo Razo-Aguipe. Por elle andaram oitenta leguas ao Norte em canoas, com o rosto até o Grande em que vem desaguar, e entrados neste vieram ter ao mar, depois de uma navegação de vinte e quatro dias, vindo sempre com a pròa ao loeste.

Não é facil com tão poucos elementos determinar os pontos descriptos neste roteiro. Nelle ha evidentemente erros, como no logar em que diz que as canoas cbegaram ao mar navegando com a pròa ao loeste, isto é, na direcção opposta a em que o mar se acha. Embora Gabriel Soares nos assegure que Sebastião Tourinho sabia muito bem tomar a altura do sol, não abona muito a sua seicencia o facto de elle ter cbegado ao Rio de Janeiro, sem o sentir. Mas ha um ponto que nos auxilia nesta investigação : o rio Razo-Aguipe.

A que rio corresponde este? Varnhagen, nos commentarios com que adonou o *Tratado* de Gabriel na edição publicada ás expensas do Instituto Historico, nada diz a tal respeito, nem tambem nas duas edições da sua *Historia geral*. Nem, depois d'elle, occupou-se algum com este ponto. Pòde-se, portanto, permitir uma hypotese que quem mais tarde e com melhores documentos estudar o mesmo assumpto, rectificará facilmente.

Começemos por tirar da palavra Razo-Aguipe a ultima syllaba, que é uma posposição da lingua geral, significando *em*. E' muito usada nos rios do Norte, mas para o Sul é menos, como vemos em Jaguaripe na Bahia e Jaguaru em Minas Geraes. Notemos em seguida que o Z não é som tupi, e que deve estar em logar de S, ao qual por estar isolado no manuscrito sugueiramos á lei da prosodia portugueza. Lembremos ainda que o R em tupi é sempre branco, qualquer que seja a posição que occupe, e que em portuguez é sempre forte no principio das palavras: dahi o facto interessante dos Brasileiros juntarem-lhes um A inicial para, pondo o R entre duas vogaes, conservarem-lhe o som primitivo : é o que se vê em *Araripe*, por exemplo, cuja forma antiga é *Rari*, como se lê num documento conservado em Purchas. Com todas as alterações que procuramos restituir temos que o rio deve chamar-se Araso-Agui. Si, por fim notarmos que a forma antiga de Piahy era Piaguy, temos um precedente que, junto a outros, permite afirmar que, linguisticamente, o Razo-Aguipe de Gabriel Soares é o Arassuahy dos novos mapps.

Geographicamente não ha obstaculo a esta identificação, porque aquelle era um afluente de Jequitinhonha exactamente como este. E' pena que os nossos mapps da zona percorrida sejam em tão pequena escala e as indicações do Gabriel Soares tão tenues que se não

possa levar mais adiante a identificação. Mas deixemol-a assentada aqui porque depois nos ha de servir.

Na segunda expedição Sebastião Tourinho subiu o rio Doce, até um seu affluent chamado Mandi, nome que os viajantes e mappas modernos converteram em Guandú. Entrando nelle e desembarcando, seguiram por terra umas 20 leguas em rumo de E. SO. até uma lagôa donde sae um rio em rumo de E. que se prolongam por mais de 30 leguas; depois caminharam umas setenta leguas, durante quarenta dias, em rumo do Oeste, até chegar ao rio Doce novamente. Neste rio fizeram canoas de cascas e foram-no subindo até um seu affluent chamado Aceci, pelo qual entraram quatro leguas e desembarcando caminharam em rumo de NO onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram muitas leguas, descobrindo afinal as pedras verdeongas e azues, etc.

No meio destas indicações e contra-indicações, fielmente resumidas de Gabriel Soares, é impossível uma pessoa entender-se. Ha quem identifique, o Aceci com o Suassuby e ha quem o identifique com o Santo Antonio. Com a mesma razão poderia identificar-se com outros. Para nós importam apenas os tres seguintes factos: primeiro que Sebastião Tourinho navegou o rio Doce até onde suas margens são elevadas, mas onde as cachoeiras não obstruem-lhe ainda o leito; segundo que, portanto, o Mandi de Gabriel Soares é o Mandi dos geographos posteriores, ultimamente convertido em Guandú; terceiro que, depois de margear este e outros rios elles vieram sahir novamente no Doce, em região navegavel, em que não se fala de cachoeiras, portanto junto ao Quitê. Só ali seguiram para o Norte, isto é para a margem esquerda do rio Doce, onde afinal encontraram as pedras que procura-se. E digo que o rio Aceci fica na margem esquerda do rio Doce, porque, segundo Gabriel Soares informa, a viagem de Antonio Dias Adorno foi feita pelas indicações fornecidas por Tourinho, e Dias Adorno, como se verá em um dos proximos artigos, entrou no certão pelo rio das Caravellas, isto é, procurando o Norte do rio Doce.

Expostos os factos e sabido que foram anteriores a 1573, vejamos qual das duas expedições é chronologicamente a primeira, — si a da volta pelo Jequitinhonha, si a da subida pelo Doce.

CAPISTRÃO DE ABREU.

PAYSAGEM

Duas collinas rasgam-se. No meio Deita-se o valle, umbroso e virginal. E sobre aquelle exuberante seio Cabe o louro espartilho tropical

Do sol montante... Em cima da esmeralda Novel e doce que a folhagem basta Oppõe ao céu,—o Céu azul, q. se escalda, Pousa um olhar de transparencia casta.

Destacam-se as collinas dos arbustos Como dois peitos rigidos, robustos, Rasgando a seda de um corpete escuro...

E o valle, o valle, como um collo enorme, Mira orgulhoso a curva filiforme Do seu collar,—um veio d'agua puro!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

Escriptores do Norte do Brazil

O SR. JUVENAL GALENO

Por muito tempo figurou em o nosso mundo litterar o Sr. Juvenal Galeno. Os seus versos admiraveis por seu cunho popular, foram reproduzidos do norte ao sul. Faz isto uns vinte annos.

Pouco a pouco foi desaparecendo da imprensa o nome do grande poeta. A luz do astro occultava-se no horizonte do jornalismo justamente com a de outros que com elle formavam a constelação — Casimiro de Abreu, Teixeira de Mello, Almeida Braga, Calazans, Bruno Seabra e outros discipulos de Gonçalves Dias, Porto Alegre, Magalhães, Macedo, Laurindo, Octaviano Rosa.

Muitos contemporaneos ignoram onde vive o gracioso assimilador da poesia do norte, aquella poesia que andava e anda na bocca dos pescadores, matutos e sertanejos.

Juvenal teve talvez as mesmas razões que José de Barcellos para abandonar as letras.

Era preciso ganhar a vida, e as suas produções, apesar de serem muito apreciadas, longe de lhe servirem de auxilio só lhe traziam despezas. E' mais productivo o café do que a poesia, posto que se harmonizam perfeitamente estas duas idéas e muitas vezes uma faz surgir a outra.

Respondendo em 9 de Maio de 1884 uma carta em que eu pedia os seus apontamentos para poder fazer este trabalho, escreveu-me o Sr. Juvenal Galeno:

Vivo nas matas empregado na agricultura, etc.

E', pois, mais outro que perderam as letras depois de haver trabalhado não pouco por ellas.

Digo não pouco, porque publicar neste paiz, e particularmente em uma das provincias do norte, tres livros é dar prova de valor. Juvenal publicou em 1865 as *Lendas e canções populares* que formam um volume em 8º de 415 pags.; em 1871 as *Scenas populares*, um vol. em 8º f. de 282 pgs.; em 1872 a *Lyra Cearense*, um volume em folio de 180 pags. E' preciso reunir a estas as *Canções da escola*, collecção de versos de uma moral singellissima, obra adoptada pelo conselho de Instrucção Publica do Ceará para uso das escolas primarias.

Cada um destes livros é um monumento para a litteratura do Norte. As *Canções populares* não são sómente um livro do Norte, mas um livro brasileiro sem rival em seu genero. Não é temeridade afirmar que, por agora, é o livro mais popular que possuímos, isto é, o livro em que mais entra o sentimento, a vida e a maneira de fallar do povo; e si não é ainda o nosso *Cancioneiro*, quem o lê fica convencido de que aquelle poeta seria actualmente o mais competente para colleccionar e restabelecer a poesia do povo, seu amigo, hospede, companheiro e inspirador.

No prologo o poeta afirma, e ao lêr a obra se adquire a certeza de que assegura a verdade, que antes de escrever esse livro «tratou de conhecer o povo e identificar-se com elle; acompanhou-o passo a passo em sua vida diaria, e então nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouviu e colleccionou os seus cantos, as suas queixas, as suas lendas e propheticas; aprendeu os seus costumes, ha-

bitos e superstições; fallou-lhe em nome da patria e guardou consigo os sentimentos de sua alma. Com elle riu e chorou, e depois escreveu o que sentia, o que cantava o que lhe dizia, o que lhe inspirava.»

Aquelle prologo deve ser lido todo inteiro. Desprende-se delle uma expressão de verdade que convence e encanta.

Deve orgulhar-se a provincia ou a escola litteraria que possui um talento tão espontaneo e assimilador, o que admira tanto mais quanto o Sr. Juvenal Galeno não cursou as academias, nem conhece talvez as grandes litteraturas. Ao fazer esta observação não tenho outro fim sinão tratar de pôr em relevo o privilegiado talento do Sr. Juvenal, e não de maneira alguma diminuir o seu merecimento. Que pena causa vêr que uma vocação tão grande não dê todo o fructo que poderia dar!

Juvenal Galeno não acompanha só o povo nas suas alegrias e divertimentos; acompanha-o tambem em suas afflicções e dores, e seja no primeiro ou no segundo caso, é um copista fiel a quem uão escapa nenhuma linha, nenhum raio de luz, nenhuma sombra das situações moraes, psychologicas ou mesmo pathologicas do seu grande irmão.

Passemos a demonstrar-o. Na poesia *O pobre feliz* encontram-se estes versos de summa graça e verdade:

De manhã a minha Rosa
Traz-me a passoca e o café;
Almoçamos sobre a esteira
De palma de catolé,
Rodeado dos filhinhos,
Maria, João e José.

A' noite jantamos todós;
Depois, juntos do fogão,
Traz-me a Rosa o meu cachimbo,
Um fillo dá-me o tição;
Mês do pobre a sobreinca:
— Fumaças que vêm e vão.

Não lhes são inferiores os do *Vaqueiro*:

«... Si é tempo de inverno
Bem cedo nós vamos o leite tirar,
E após o almoço... que faça ella os queijos
Que'u saio a cavallo, que'u vou campear.

Si é tempo de secca, que longas fadigas
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!
As ramas cortando, que a rez me supplica
N'un burro mais triste que o triste gemer.

Si é tempo das feiras... si levo a boiada,
Ai! quantas studades, que pratos então!
Na volta... que mimos! Ao fillo uma gaita,
A' esposa uma saia com seu cabeção.

No *Meu roçado*:

Vindo que fosse o inverno
Plantal-o fomos um dia;
As covas eu preparava,
O resto a Joana fazia
Punha a semente, e de terra
Com seu pé a cova enchia.

Bom inverno! Após a liumpa,
Todo o milho apendoou;
A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou;
Grinum e feijão verde
Logo em casa se provon.

No *Sambista*:

Quando pizeí neste mundo,
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho
Dansando n'uma funcção.

Dansando n'uma funcção,
Me peguem sinão desmaio,
Dêem-me da banca um copinho
Que'u quando bebo não caio.

Na *Jangada*:

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
De dia vento de terra,
De uoite vento do mar?

No *Voto-livre*:

— Viva a patria! a liberdade!
Viva o livre cidadão!
— Ai, Rosa, não me supplices
Que não vá para a eleição.

— Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição.
Triumphou a força bruta,
Gemo agora na prisão!
Eis como é livre este imperio...
Como é livre o cidadão!

No *Boiadeiro*:

Dizendo sentido adeus
A's varzeas do meu sertão
Pra feira vou caminhando
Na frente do boiadeiro.

E cou... mansão,
E cou... é cão.

No *Eleitor*:

Por ser esperto capanga
Do partido vencedor,
Me deram por quatro annos
O diploma de eleitor.
Foi justiça, foi a paga
Dos serviços de valor.
Pois sou grande na cabala,
Das urnas viciador;
E por causa de partido
Serei tudo... até traidor!
Que bou raria...
Sou eleitor, saibam todos,
Dão-me agora — senhora.

Todos os themas das poesias do Sr. Juvenal são tirados de assumptos nacionaes, porém sempre descreve e canta o lado mais natural e original, revelando o seu inequivoco patriotismo: — ora o *Recruta*, ora o *Soldado de castigo*, ora o *Escravo*, ora o *Compadre Ministro*, ora o *Sapateiro*.

Ha nos escriptores do norte uma superabundancia de compaixão para com o pobre. Dahi resulta que o pobre é uma figura, por assim dizer, obrigatoria dos seus romances, dramas e poemas. Nenhum escriptor dalli confirma mais evidentemente este rasgo caracteristico do que o Sr. Juvenal Galeno.

Os seus livros estão cheios dessas figuras que vêm a ser a parte sentimental e commovedora das suas inspirações.

Entre os themas tomados de costumes da nossa sociedade apparece ás vezes uma poesia amorosa, formosissima por sua singeleza e naturalidade. Está neste caso a que se intitula *Recordações*.

Era no matto á tardinha,
Quando encontrei-a sósinha.
Com seu machado a cortar.
— Adeus, minha Maria...
Ella baixinho sorria,
Sorrindo estava a corar:

Então cortei toda a lenha
Depois levei-a á casinha.
Ai! que amor, quanta ventura
Naquelle matto á tardinha!

Surgia doce alvorada
Quando encontrei-a sentada
Junto á lagoa a cuidar;
— Não enche d'agua o potinho?
Ella sorriu-se baixinho,
Sorrindo estava a corar:

Então enchi seu potinho,
Só por não vê-la molhada...
Ai que amor, quanta ventura
Naquelle doce alvorada!

Na *Lyra Cearense*, que não foi mais do que uma publicação semanal em forma de periodico, exclusivamente sustentada por elle, vibram as mesmas cordas sympathicas ás quaes deve a popularidade de que goza entre as classes rusticas do Ceará.

Quantos assumptos, Deus meu!

quantos temas que todos conhecemos da inspiração mais natural e sem pretensões que seja possível imaginar!

Risca da *Lyra* o nome que a individualiza, espargi pelas plagas do norte essas produções espontaneas, e os que as ouvirem da bocca do *sertanejo* ou do pescador dirão sem a menor duvida de equívoco:

«São poesias do povo. Pertencem à musa anonyina».

Sim. A forma é a mesma. Os temas si não são identicos, pertencem à mesma ordem, à mesma natureza. Para maior semelhança, o poeta adaptou suas poesias ao rythmo e toada das canções com que se deleitam os vaqueiros no campo, o agricultor trabalhando no seu roçalo, o pescador cortando as ondas em sua jangada veloz. Mas essa simplicidade de formas, essa harmonia, esses desenhos, esses pequenos poemas emfim são devidos à observação, ao bom gosto, à delicadeza do sentimento que com outros dotes meritorios constituem a riqueza de tão flexivel engenho.

Nas *Scenas populares* o autor prefere a prosa. São soberbos estes contos pelo que diz respeito à ficção ethnica. Com as descrições do povo entretece o escriptor reflexões moraes, noticias historicas e politicas. Logares, pessons, costumes, tudo alli é cearense, ou melhor nortista. Elle conhece, na verdade, todos os assumptos de que se occupa. E pinta tudo com a frescura e bondade que só pode ter o que sente uma verdadeira paixão por esse mundo popular, tão rico de gosos simples e de harmonias virgens.

Em todos esses pequenos ensaios só descubro uma falta: a imaginação tem alli apenas um logar por demais secundario. Em todos elles falta arte. Os accidentes e matizes da vida nos sertões e nas praias parecem alli photographadas. Mas não basta reproduzir fielmente, é preciso tecer as scenas, unilas umas com outras de maneira que dellas resulte um drama, porque o drama é tudo nas produções artisticas. Um quadro, si não representa uma acção, carece de vida ainda que transborde de colorido.

O Sr. Juvenal interrompeu ultimamente o seu largo silencio publicando em dois jornaes cearenses. — *A Constituição* e o *Município de Sant'Anna* duas produções poeticas para glorificar o movimento abolicionista que na cruzada contra a escravidão acaba de dar ao Ceará o posto de honra na vanguarda das demais provincias do Imperio.

A primeira das indicadas produções é um hymno encomiastico à cidade da Fortaleza, capital da provincia. Foi publicada no dia 24 de Maio de 1884, data memoravel que os habitantes da Fortaleza escolheram para realizar a abolição da escravidão no município da capital. O hymno intitula-se *Silvanus*.

A segunda produção *A escrava* é uma especie de lenda mui commovedora. Ambas confirmam o sentimentalismo tradicional do poeta, e o seu nobre interesse pela sorte do pobre e do povo.

A litteratura do norte, queiram-o ou não os que lhe são hostis, está esboçada, digo mal, já tem dado fructos, aos quaes em futuro não inuitoremo se juntarão outros talvez mais sazoados, porém já precedidos pelos que deixa aqui indicados o autor destas linhas.

FRANKLIN TAVORA.

NO CEMITERIO

Tout était grave et sublime en ce tableau
V. HUGO.

A' tarde, junto á lousa de um jazigo,
As letras do epitaphio soletando,
Vi-te, mulher, tão pallida chorando
Que soffrendo tambem chorei contigo!

E' que, então, no solemne instante, quando
Choravas tu, meu peito achava abrigo
Em teu peito! Mulher... eu te bendigo,
Luz de meu pobre peito miserando!

A lembrança feliz e radiosa
Desse dia, será tibio lampejo
De uma vida futura côr de rosa...

E' que, olhando o porvir auroras vejo...
Ai! quizera a teus pés, mulher formosa,
Nessa frente gentil depôr um beijo!

J. DUQUE-ESTRADA.

Naturalismo e Pessimismo

(Conclusão)

Os phenomenos de transmissão do pensamento estão todos dependentes da systematisação da phrase, sem a qual nada é possível, pois que o espirito, em suas relações com o mundo exterior, nunca procede senão pelo principio da unidade.

Os instrumentos de que se serve a natureza para chegar aquelle resultado estão conhecidos: — a economia do esforço, a reacção periodal, o accento, e, por ultimo, o temperamento do individuo, a que os dous primeiros factores se subordinam por via do terceiro, sua immediata função na phrase ou no discurso. Entretanto não devo esquecer um facto de orden psychica, que ainda se prende a economia de meios e que por isso constitue um poderoso elemento de revivescencia do estylo, maxime quando este soffre a ultima elaboração cerebral para adaptar-se ao que ha do menos tangivel na expressão do temperamento de cada um. Refiro-me aos phenomenos semeioticos, em virtude dos quaes «os velhos materias da linguagem são continuamente applicados a novos usos, sem que sua significação original opponha obstaculo ao pensamento, nem produza confusão nas idéas.» (1) A importancia desses factos deduz-se naturalmente do vastissimo quadro em que elles se desenvolvem e da sua intima ligação com a harmonia das disposições estheticas do artista e do publico que lhe é familiar. As observações realizadas pela sciencia neste terreno foram perfeitamente assignaladas por M. Bréal no que elle denomina *ellipse interior*, que consiste na elaboração espontanea, em virtude da qual o espirito de quem lê ou ouve supprime grande parte de idéas não contidas na palavra. (2) A accepção dos vocabulos ton, pois, um elastico, que se presta a todas as nuanças imaginaveis; e basta atender ao modo por que se provocam estas relações mentaes, para que não se

(1) Whitney, *La vie du langage*, p. 66.

(2) M. Bréal, *Mythologie et linguistique*, p. 301.

deixa de admitir uma força suggestiva na accentuação de membros, formando o verdadeiro ponto de cohesão de idéas que procuramos suscitar no espirito de outrem.

Ha ainda um facto, paralelo a este, que muito tem concorrido tambem para caracterisar o estylo moderno, — o neologismo.

«Uma palavra, como bem diz Sayce, tirada de fonte viva da lingua falada, traz sempre de envolta idéas novas, e imprime-se no espirito com mais vivacidade do que as expressões habituaes que não passam de symbolos mortos e incolores. Quando, por exemplo, lemos estas palavras *os quatro pontos cardaes*, comprehendemos o que o escriptor nos quiz dizer, sem que comtudo vejamos pintados os objectos; quando, porém, Carlyle nos fala dos *quatro airs*, (*ventos*) sentimos logo a imaginação em transporte e a attenção despertada. As associações mechanicas dos sons e idéas com que estamos habitados são interrompidas pela novidade, pelo desejo de comprehender toda a força de um termo vindo de um patois, aonde a vida da linguagem é mais intensa.» (3)

Em resumo, o estylo moderno caracteriza-se por dous symptomas capitales: — 1º a *crase periodal*, que se manifesta na razão directa da complexidade assumida pelas concepções do artista; 2º a tendencia suggestiva do *accento racional* em desenvolver essa crase na direcção da individualidade sempre crescente de um temperamento.

Voltando, pois, ao ponto de partida, é forçoso concluir que as qualidades estylisticas não devem ser encontradas se não nos escriptores, que, possuindo um grande poder de analyse, dispoem, ao mesmo tempo, de uma grande faculdade de synthese. E' por isso que quando nos pomos em communicação com autores geniaes como Tacito, Shakespeare, Labruyère, Saint Simon, Montesquieu, não nos podemos furtar aos efeitos particulares dos seus estylos, que nos impressionam e estabelecem vinculo profundo em nosso espirito. E com certeza estes artistas não attingiriam essa perfeição senão pela

(3) Sayce, *Phylogie comparée*, p. 32.

força, pelo equilibrio, pela intensificação dos processos naturaes, retemperados na observação objectiva, nunca se perdendo na indacisão propria das naturezas sem oriente, diffusas, descoordenadas, cujas idéas dissociadas nunca alcançam systemathisar-se na phrase incesiva, percuciente e enaltecida.

Os escriptores da actual escola naturalista não procedem de outro modo quando se esforçam, tanto na theoria como na pratica, por demonstrar que a arte não é senão a concentração da natureza em um temperamento, e que o estylo, reflectindo esse phenomeno, não pode ser tambem senão o desenvolvimento, em seu maximum, das leis da palavra. Para estabelecer essa contra prova não é preciso mais do que tomar as obras dos mestres do realismo, e percorrer, ao acaso, mas com o espirito attento, as primeiras paginas que se offereçam nos olhos curiosos.

«Quant ses yeux quitait le bocal ou elle regardait les poissons sans les voir, elle les relevait par un mouvement désespéré, comme pour invoquer le ciel. Ses souffrances semblaient être de celles qui ne se peuvent confier qu'à Dieu. Le silence n'était troublé que par des grillons, par quelques cigales qui criaient dans le petit jardin d'où s'échappait un chaleur de four, et par le sord retentissement de l'argenterie, des assiettes et des chaises qui remuait, dans la pièce contigue au parloir, un domestique occupé à servir le dîner. En ce moment, la dame affligée proté l'oreille et parut se recueillir, elle prit son mouchoir, essaya ses larmes, essaya de sourire, et détruisit si bien l'expression de douleur gravée dans tous ses traits, qu'on eut pu la croire dans cet état d'indifférence où nous laisse une vie exempte d'inquiétudes.»

(Balzac, *Obras completas*, 3º vol. p. 16)

«Maintenant nous redescendons lentement à l'aviron ce grand fleuve que nous avons monté avec nos deux voiles blanches.»

«Nous nous arrêtons devant toutes les ruines. On amarre le bateau, nous descendons à terre. Toujours c'est quelque temple enfoui dans les sables jusqu'aux épaules, et qu'on voit en partie comme un vieux squelette déterré. Des dieux à tête de crocodile et d'ibis sont peints sur la muraille blanchie par les fientes des oiseaux de proie, qui nichent entre les intervalles des pierres. Nous nous promenons entre les colonnes. Avec nos bâtons de palmier et nos songeries nous rommons toute cette poussiere. Nous regardons à travers les brèches des temples le ciel que cespète de bleu. Le Nil coulant à pleins bords serpente au milieu du désert, ayant une frange de verdure à chaque rive. C'est toute l'Egypte. Souvent il y a autour de nous un troupeau de moutons noirs qui broute. Quelque petit garçon, nu, leste comme un singe, avec des yeux de chat, des dents d'ivoire, un anneau d'argent dans l'oreille droite et de grandes marques de feu sur les jones, tatouage fait avec un couteau rougi. D'autres fois ce sont de pauvres femmes arabes couvertes de guemiles et de colliers qui viennent vendre des poulets à Joseph. Une chose merveilleuse, c'est la lumière; elle fait briller tout. Dans les villes, cela nous éblouit toujours, comme ferait le papillotage de couleurs d'un immense bal costumé. Des vêtements blancs, jaunes ou azur sedétachent, dans l'atmosphère transparente, avec des cruautés de ton, à faire pâlir tous les peintres.»

(Flaubert, *Correspondence*, Première serie, p. 298 e 299.)

«Le chien, d'un coup de gosier, avait bu le morceau de biscuit que Pauline lui tendait; et il replaçait sa tête sur le petit genou, il demandait un autre morceau, les yeux toujours dans les yeux de sa nouvelle amie. Elle riait, le baisait, le trouvait bien drole, les oreilles rabattues, une tache noire sur l'œil gauche, la seule tache qui marquât sa robe blanche, aux longs poils frisés. Mais il y en avait un: la Minouche, jalouse, venait de sauter légèrement au

bord de la table; et, ronronnante, l'écabine souple, avec des grâces de jeune chèvre, elle donnait des grands coups de tête dans le menton de l'enfant. C'était sa façon de se caresser, on sentait son nez froid et l'effleurement de ses dents pointues; tandis qu'elle dansait sur ses pattes, comme un mitron pétrissant de la pâte. Alors, Pauline fut enchantée, entre les deux bêtes, la chatte à gauche, le chien à droite, envahie par eux, exploitée indignement, jusqu'à leur distribuer tout son dessert...»

(E. Zola, *La joie de vivre*, p. 18.)

Estes documentos mostram perfeitamente a distancia que existe entre este estylo suggestivamente pontuado pela especialização, pelos accidentes dos objectos descriptos, e o estylo classico, petrificado em suas formas amplas e genericas, e o romantico, perdido no tumulto de uma tropologia incoherente. O esforço da crase é manifesto, e a cada passo a pagina do livro sente-se animada pela multiplicidade de traços concretos, que fazem vibrar na phrase a vida intensa dos objectos artisticamente elaborados. Essa autonomia de expressão os escriptores apontados com certeza não teriam atingido, se não pertencessem a raça dos verdadeiros artistas da palavra, ou se vivessem, sem mergulhados nesse subjectivismo incoativo, que é a morte de toda a impulsão esthetica.

Ora, si o pessimismo, como creio, é um phenomeno prodromico de desagregação dos factos de consciencia, e se o principal resultado desse estado é a exageração do subjectivismo, o divorcio do mundo objectivo, a incapacidade de analyse, a inefficacia da attenção: a consequencia inevitavel de tudo isso é que elle não pode produzir se não a dissociação syntactica, tornando o estylo diffuso, incoercivel, e annullando o principio capital da arte, derivado, como o demonstrou Taine, da mesma lei biologica que preside ao arranjo e desenvolvimento de todos os seres organizados. Pouco importa que um ou outro mestre da escola naturalista faça cabedal das theorias pessimistas e chegue até a exemplificar-as em seus livros, accumulando em typos diversos todos os aspectos tristes que pode apresentar uma deturpada sociedade. O essencial é verificar as crenças reaes desses individuos; é não confundil-as com os seus intuitos de artista, nem com os effectos que elles empregam para ferir a imaginação e a sensibilidade do seu publico. Estas superfetações, que muitas vezes representam as tendencias satyricas de um autor, levantam-se como um escolho para grande parte dos sectarios da escola, e não raro se vê que, abandonado o caminho recto indicado pelo que ha de mais energico no talento, povam-se as estantes de trabalhos, que bem se podiam classificar como dialectos viciosos de uma escola de poesia.

Bem difficil seria determinar até que ponto a superfetação alludida conseguiu invadir os discipulos da escola naturalista em Portugal e no Brazil, e como, influindo principalmente no estylo, deu-lhe uma feição especial. Seja, porem, como fór, o que para mim não resta duvida é que todas as desigualdades que se encontram nos livros da nova geração não tem outra causa se não o desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; e essa enfermidade é perfeitamente explicada pela adopção da esthetica pessimista.

ARARIPE JUNIOR.

DIPLOMATICO

A' GENERINO DOS SANTOS

Dona, esta flôr embaixatriz da aurora,
Cujas credenciaes vão num soneto...

G. dos S.

Senhora, a bella flôr que envio a V. Alteza
E' do meu coração a embaixatriz formosa,
E vos leva a especial missão mais melindrosa
Que hoje entreter pudera a corte da belleza.

Acreditada pois junto á alma caprichosa,
Aquelle que curvou-me ao jugo da realza,
Eu, democrata austero! Essa gentil fereza
Ha de findar e então... sorte hei de ter ditosa.

Acolhei-a benigna, a pobre flôr, senhora!
Ouvi da primavera a voz encantadora,
Que a nossa vida enleva em perennal gorgeio!

Vamos... deixai pender-lhe um riso de esperança!
Credenciaes apresenta a flôr pedindo aliança
E exequatur espera... em vosso niveo seio.

COELHO LISBOA.

Prefacio das «Contemporaneas»

DE

AUGUSTO DE LIMA

A leitura deste interessante, curioso e attrahente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as bellas qualidades originarias, que lhe enriquecem e singularizam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontanea, individual e propria.

Augusto de Lima entende a arte, como eu a comprehendo. E' talvez este o segredo do irresistivel entusiasmo que lhe consagro. A meu vêr, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectáculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista e a faculdade de descobrir e aprimorar symbols que, revestindo, com a belleza da forma, o selo e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam. Augusto de Lima possui, em elevado grau, essa faculdade rara e superior.

A principal inspiração é a da forma. A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, si contrastam com a expressão que os envolve. A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita, entre a forma e o pensamento. Os artistas, dignos deste nobre nome, não têm, não conhecem outro ideal. Entre as innumeravsis expressões, a que uma mesma idéa pode amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz pal-

pitir na imaginação creadora. Para encontrar essa expressão unica, insubstituivel, e escondida mysteriosamente no vasto abysmo das expressões semelhantes, ó que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração. Nem sempre se attinge esse ideal, quasi inacessivel; mas para marecer a immortalidade, é imprescindivel procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

Neste livro nota-se a preocupação infatigavel, o esforço constante desta tendencia, frequentemente victoriosa, afirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contém uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrinseco, já pelo valor do logar que no verso occupa — trechos irreprehensivels, em que tudo concorre para o effecto esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz. Não cito: o leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma: é um protesto contra o titulo. Ou melhor: não sou eu quem protesta, mas as paginas immorredouras que elle refolha entre muitissimas ephemerhas. *Contemporaneas*, este livro! Augusto de Lima blasphemou.

Si a obra não desmentisse o titulo, eu não accitaria a bonrosa permissão, que o autor me deu, de escrever nesta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assigno, a celebre quadra de Bocage, inspirada pelo presentimento dos applausos da posteridade:

A'quelle enchente de glorias
Ou tu voarás commigo,
Ou bei de, engeitando o premio,
Morrer de todo commigo.

THEOPHILO DIAS.

OS TRES ABYSMOS

Os dois olbos de Abelina
São mais ferozes que o mar;
Tém luz que abala e fascina...
Os dois olbos de Abelina
Quantos sua onda assassina
Não tem feito naufragar?!...
Os olbos de Abelina
São mais ferozes que o mar!...

O sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente;
Illude, seduz, engana
O sorriso de Abiana.
E' flor rosca da savana
Que o veneno traz latente
O sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente.

A todos aponta Annita
Um laço pr'a se enforcar
Na trança loura, bonita
A todos aponta Annita,
Um por um manda a desdita
Nella um allivio buscar,
A todos aponta Annita
Um laço pr'a se enforcar.

Mas, si os olbos de Abelina
São mais ferozes que o mar,
A elles um raio illumina
Ao dois olbos de Abelina;
E, desde que a rota ensina
Eu não tremo; eu sei nadar
Si os dois olbos de Abelina
São mais ferozes que o mar.

E, si o sorrir de Abiana
Tem mais fel do que a serpente,
Não me illude, não me engana
O sorriso de Abiana
E á sua caricia insana
Fugirei incontinente,
Se o sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente.

Só tenbo medo do laço
Da loura trança de Annita,
Quando a sacode no espaço,
Eu tenho medo do laço
Terrivel, cruel baração
Que meu colo ba muito excita.
Sim: tenho medo do laço
Da loura trança de Annita.

EUGENIA LOBO.

Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(Conclusão)

Leonor de Mendonça é precedido de um excellente prologo, onde o auctor expõe os seus designios e idéas sobre a arte. Ouçamol-o, falando de sua propria obra: «Direi, não o que fiz, mas o que promstti fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayms, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram

ção falsas as apparencias como elles nol-as indicam. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica—, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada—. Certo que a primeira offeria mais interesse para a scena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever não ha limite nas acções dos homena: haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão; no fim estaria o remorso e o castigo, e n'elles a moral. Ha n'isto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remor-o é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude: pena é que assim seja, mais assim é. Si em prova d'isto me fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o *Faliero* de Byron e o *Faliero* de Delavigne.

Porque então seguí o peor? E' porque tenho para mim que toda a obra artistica ou litteraria deve conter um pensamento severo: debaixo das flores da poesia deve esconder-se uma verdade incisiva e aspera, como diz Victor Hugo, — em cada mulher formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este pensamento — a fatalidade. — Não aquella fatalidade implacavel que perseguiu a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama— *Vinte e quatro de Fevereiro*.

E' a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilização; aquella fatalidade, enfim, que faz com que um homem pratique tal crime, porque vive em tal tempo, n'estas ou naquellas circumstancias. Repito: não analyso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos. D. Jayme não tem nem crimes nem vicios; tem tambem e somente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça: a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a co-relação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de diferente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ahí tambem outro pensamento sobre que tanto se tem fallado e nada feito, e vem a aer a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Si não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos habitos. Si a mulher não fosse escrava, como é de facto. D. Jayme não mataria sua mulher. Houve n'essa morte a fatalidade, filha da civilização que foi e que ainda é hoje.

Estas idéas são sans e não destoam

do merecimento da obra. Não ha nesta aquella riqueza de pensamentos e finas observações aobre os dominios reconditos da alma humana, que fazem o assombro de quem lê Shakespeare. Mas quantos compartilham com o grande dramatisa igual thesouro? Nem Byron, e nem o proprio Gothe. Por essa face Shakespeare campêa iado; fóra um absurdo tomar essa medida para unidade comparativa.

Diz-se vulgarmente que uma obra dramatica só é bem apreciada quando é vista no paleo. O proprio Gonçalves Dias o repete no alludido prologo: «Si o drama não fór representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama.»

Tenho medo de dizer uma heresia: porém, pelo que me toca, aprecio mais os dramas, especialmente dos grandes mestres, quando os leio. Si além da leitura, occorrer uma boa representação, meu conhecimento da obra não augmentará grande cousa, quanto á obra litteraria em si, comprehenda-se.

Si nunca li o drama e só o ouvi representar, nada sei dizer sobre elle; porque o que apreciei no palco foi o trabalho dos actores, sua voz, seus gestos, seu jogo scenico, seu *savoir dire* e *savoir faire*, em summa, e não a criação do poeta directamente.

Uma representação theatral é uma arte que se sobrepõe a outra e a vela em grande parte. O talento dos actores produz uma como segunda criação que pode até certo ponto difficuldar a exacta intelligencia da primeira.

Nunca vi os dramas de G. Dias em scena; creio não ser um impecillo para os apreciar. *Leonor de Mendonça*, por exemplo, bem representada, bem interpretada por actores de forte voo, — deve ser grandemente dramatica. De todo o drama o *Acto II*, que constitue o *quadro terceiro*, é o mais bello especialmente nas *scenas V e VI*. As scenas passam-se em casa do velho *Afonso Alcoforado*, entre elle e seus filhos *Antonio*, *Manoel* e *Laura*. O moço *Antonio Alcoforado* tem já feito declarações á *Duqueza*, com quem deveria ter uma entrevista á noite justamente na vespéra da sua partida para a Africa. A noite é caliginosa, medonha; todos acham imprudente a sahida do moço a deshoras e só. O velho pai não se pôde conter e o interpela. Trava-se forte luta no espirito de *Antonio Alcoforado* entre o respeito paterno e o amor á *Duqueza*, o dever de não marear-lhe o nome, confessando o seu intento, e a obrigação de não mentir. (*Segue-se a citação que omitimos.*)

E' aignificativo tudo isto.

Meu desejo seria fazer uma historia exhaustiva da litteratura brasileira; tudo indagar, e tudo deixar ver. Sobre o theatro de Gonçalves Dias haveria lstantes observações a fazer; mas é urgente rezumir e passar adiante.

O poeta dos *Tymbiras* deixou-nos entre outros pequenos escriptos em prosa, quatro que merecem especial menção e são estes: — *Reflexões sobre os Annaes historicos do Maranhão por Berredo*, *Resposta á Religião*, *Amazonas* — *si ellas existiram no Brazil*, *O Descobrimto do Brazil por Pedro Alvares Cabral* foi devido a um méro acaso? São ensaios sobre a nossa historia.

São escriptos n'aquelle estylo claro simples e harmonioso da prosa de Gonçalves Dias, uma das melhores que possuímos, o que se pôde bem ver nos bellos prologos das diversas colleções de *Cantos*.

N'este numero deveriamos tambem contar a celebre critica que fez da *Independencia do Brazil* de Teixeira e Souza. Isto desperta-me uma obaervação que não devo calar.

Os escriptores da época romantica quasi tanto como os de hoje atacavam-se com dezusado encarniçamento. Gonçalves Dias, de ordinario tão pacato, zurziu desapidadamente o pobre poeta dos *Tres dias de um Noivado*, por causa do seu poema epico — *A Independencia do Brazil*. Seguiu-se José de Alencar que flagellou horriavelmente a *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães; depois Bernardo Guimarães bateu medonhamente os *Tymbiras* de G. Dias e Franklin Tavera a *Iracema* de Alencar.

Foram criticas azedas, de caracter puramente polemico e irritante, que tiveram grande echo.

As *Reflexões* de G. Dias sobre os *Annaes* de Berredo são um hello artigo onde lança pela primeira vez o seu brado de sympathia pela raça tupy, indicando o muito que lhe devemos. No mesmo espirito é o artigo em resposta ao periodico *A Religião*. A memoria sobre *As Amazonas* é uma resposta a um programma do Instituto Historico apresentado pelo imperador.

O poeta revelou-se ahí grande conhecedor dos chronistas e viajantes dos nossos tempos coloniaes, e com subido criterio desfez o rosario de sonhoas e exaggeros dos que crearam e propagaram no Brazil semelhante lenda.

Chamo em especial a attenção para as paginas em que G. Dias falla e insiste largamente sobre as decantadas *pedras verdes*, as *pedras das amazonas*, que maia tarde vietam a servir para enganosas patacoadás do dilettante Barhosa Rodrigues. Este em seus escriptos nunca citou o poeta. (1)

Igualmente interessante, ou por ventura superior, é o escripto sobre o descobrimento do Brazil. Gonçalves Dias combate n'elle, victoriosamente a meu ver, a idéa de ter sido proposital a chegada ao nosso paiz da parte de Pedro Alvares Cabral, idéa esta sustentada galhardamente por Joaquim N. de Souza Silva.

Não me é possivel, pelas proporções que vae tomando este livro, descer a uma analyse detalhada de taes escriptos nem mesmo da interessantissima memoria. — *O Brazil e a Oceania*. Esta é um verdadeiro livro em que o poeta passou em revista o que nos chronistas e viajantes se encontra sobre os povos selvagens do Brazil e da novissima parte do mundo, no intuito, um pouco frivolo em verdade, de vér quaes delles estavam em condições mais adequadas para receber a civilização christã.

A parte relativa á Oceania, pelo muito que já sabemos — de seus antigos habitantes, graças sobretudo á sciencia ingleza, está hoje muito atrazada. O que se refere aos indios do Brazil ainda agora, apezar de bons progressos realizados por este lado, ainda hoje se pôde ler com proveito.

Entre outros deataco o interessante capitulo — *Si os americanos caminhavam para o progresso ou para a decadencia* — ; o que pensamos dos *tupys*.

Leiam-se todos estes trabalhos do escriptor maranhense e ver-se-ha bem nitidamente que elle não foi aó um notavel lyrista, foi tambem um destro dramaturgo e um homem sabedor em

(1) Vide *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, vol. III, pag. 270 o seguintes.

assumptos de historia e ethnographia brasileira.

Agora, porém, é tempo de ultimar este perfil e farei em poucas palavras.

Tanto quanto acoube fazer-o, mostrei a formação biologica do talento de Gonçalves Dias, indicando o que elle deveu ás *raças* que o formaram e ao *meio* em que viveu, isto é, encarei-o no seu desenvolvimento ontogenetico e em suas relações com a *phylogenia* dos povoa de que descende, não esquecendo a *adaptação* ao *meio* de Coimbra, do Maranhão e do Rio, onde viveu principalmente.

Está dito tudo? Não. Resta ainda alguma cousa para caracterisal-o de todo. Resta saber o que d'elle ficou e ficará de pé para o pensamento do povo brasileiro, enquanto existir um povo que bem mereça este nome.

A luta pela existencia na litteratura e na arte tem dos momentos capitaes: — um que é feito pelo proprio escriptor em sua vida, e outro que é feito pela consciencia publica e pela historia depois de sua morte. Este ultimo é o que tem maior alcance e definitivo valor. (2)

Tém-se visto mediocridades, ajudadas por um meio propicio, levantarem-se em falsas muletas e suspender as ca beças acima do nivel commum, a ponto de todo o mundo olhar para ellas. Mais tarde ha uma reversão, allne-se o terreno e lá se vae por elle a dentro a collossal figura, que estava trepada não em pedestal de barro, conforme a figura biblica, mas em pernaa de páu, aegundo o brinquedo de nossos camponios. . .

As vezes tambem dá-se o contrario; o talento e o proprio genio não podem abrir caminho em seu tempo, ou só o pôdem limitadamente. Maia adiante dá-se o que se pôde chamar a *luta reversiva pela vida* no asio da hiatoria, e as idéas out'ora batidas e repellidos, sahem victoriosas d'essa pugna posthuma.

A historia da sciencia e a da litteratura estão cheias de phenomenoa semelhantes. Victor Cousin não aerá um exemplo do primeiro caso? Shakespeare e Lamarck não aerão do segundo?

O nosso Gonçalves Dias no seu pugnar pelas idéas, pelo bello e pela gloria não foi um derrotado, nem um victorioso d'esses que fazem o seu caminho por entre cem batalhas. Elle estava mais ou menos na altura de seu meio e de seu momento historico, e esse

(2) Esta linguagem tomada a Darwin e Haeckel é aqui a mais propria para dar a explicação dos phenomenos litterarios. Nem é uma novidade em meus escriptos, nomeadamente na *Litteratura Brasileira* e a *Critica Moderna*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil*, na *Introdução á Historia da Litteratura Brasileira*, e n'esta obra, principalmente no cap. — *Theorias da historia do Brazil* publicado ha muito nos *Lucros e Perdas* e na *Revista dos Estudos Livres* (de Lisboa).

Não se deve perder de vista que a mór parte desta obra já tem sabido impressa em jornaes e periodicos, antes de agora appareces em volume. E' assim que na *Gazeta de Noticias* de 23 de dezembro de 1896 sahii um fragmento d'ella em que vem bem secuetuada a applicação da *luta darwiniana* na *litteratura* e nas *obras d'arte*, n'estes termos: «A litteratura rug-se pela lei do desenvolvimento, á maneira das formações biologicas. Ainda como as creações biologicas, ella tem a sua *luta pela existencia*, onde as idéas mais fracas são destruidas pelas mais fortes. As idéas tem todos um elemento hereditario e tradicional, e um elemento de *adaptação* a novas necessidades e a *novos meios*.

Cada nação tem seu patrimonio de idéas representativas do seu desenvolvimento natural: é a *phylogenia litteraria* repetindo a linguagem de Haeckel. Cada grande *typo* tem forças e impulsos proprios, além que recebe por herança: é a *ontogenia litteraria* para falar ainda como o celebre naturalista. A idéa de força e de lita domins sempre ás grandes e pequenas litteraturas; é a pugnar das idéas, das theorias, das opiniões; são as plemeas, a guerra intestina dos sistemas. Uma litteratura pacifica é nma litteratura morta.»

momento era uma época de entusiasmo e esperanças para este paiz.

O poeta nchou a formula propria d'essas aspirações.

Do *synchronismo* entre o seu sentir e o sentir de sua patria n'um momento dado é que elle vem o merito e a natureza do sua gloria: uma gloria placida e doce; sem ruidos, mas tambem sem abatimentos e eclipses.

Que é que ainda vive d'elle, e parece que viverá sempre? Uma duzia de poesias lyricas, e certamente das melhores em que uma vez se vasou a lingua de Camões.

SYLVIO ROMÉRO.

SONETO

"A constancia do meu comprorinciano e amigo
Fagundes de Resende

O tempo faz vencer as mil barreiras,
opostas a' qualquer grande projecto;
o tempo é que derota o imigo abjecto,
pulção que absorve o succo das parreiras.

Não irias melhor, indo ás carreiras;
esperaste do tempo, e tens o objecto,
apesar das caretas, feio aspecto
de figuras burlescas, chocarreiras.

Urdiram-te, Fagundes, uma trama,
perém és triumphante heróe de um drama,
que invejosos reduz a cisco ou pó.

Tinhas jus á maior das recompensas,
incurtando porém vistas extensas,
muit barato vendeste o Caiapó.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Lexicologia Didactica

Em prol da puericia e da juventude ha sido numerosa que farte a contri-
buição didascálica do erudito e operoso
Larousse, conhecido nutor do *Grand
Dictionnaire Universel du 19^o siècle* (15 vo-
lumes e 1^o de supplemento — 1866 — u
1876 — e 1878).

Basta annunciar as seguintes in-
structivas publicações: *Encyclopédia da
adolescencia* (*Encyclopedie du jeune âge*),
Gymnastica intellectual (*Gymnastique in-
tellectuelle*) *Repositorio de radicaes la-
tinas, e de radicaes gregas* (*Jardin des raci-
nes latines, et Jardin des racines gre-
ques* — 2 volumes) *Novo tratado de versi-
ficção franceza* (*Nouveau traité de versi-
fication française*) e lembrar o curso
completo de lingua francoza e de estylo,
cujo primeiro volume contém a *gram-
matica elemental*, o segundo a *gramma-
tica syntactica* e o terceiro *gramma-
tica litteraria* comprehendendo phrases
historicas, allusões populares, prolo-
quios, sentenças dos melhores escripto-
res, as quaes passaram ao dominio pu-
blico d' litteratura e lhes servem como
de realce (*Grammaire litteraire ou expli-
cations suivies d'exercices — sur les phra-
ses, les allusions — les pensées heureuses
empruntées à nos meilleurs écrivains et qui
font aujourd'hui partie du domaine pu-
blique de notre littérature à laquelle elles
servent en quelque sorte de condiment*).

Adoptando por módulo o ultimo li-
vro supramencionado, abalançamos nos

a inserir paginas de um livro, que si
nos favorecerem as circunstancias,
traremos a publico sob titulo *Lexico-
logia didactica*.

Offerecemos no alludido livro textos
historicos, citações mais correntes de
abalizados escriptores; perfazendo-os
transcripção de passos apreciados de
poetas e prosadores portuguezes, anti-
gos e modernos, e com us applicações
que reminiscencias litterarias nos de-
pararem.

Si neste empenho nos conseguirmos
avantajar ao módulo adoptado, não se
delembrem os estudiosos das apro-
positadas palavras de Antoine de la Salle:
*celui qui commence un livre n'est que l'éco-
lier de celui qui l'achève*.

Fôra descabido, por exabundante,
maior preambulo.

RACA

Frei Francisco de S. Luiz no GLOSSA-
RIO de *vecabulos portuguezes derivados
das linguas orientaes e africanas, excepto a
arabe* (OSRAS COMPLETAS DO CARDEAL SA-
RAIVA — tomo VIII — *Trabalhos Philo-
logicos*, pag. 288) assim se exprime:

Raca — E' o proprio vocabulo que se
lé no Evangelho de S. Matheus, cap. 5^o,
v. 22, e que nós conservamos na tra-
dução sem mudança *qui dixerit fratri
suoraca* reuserit concilio; quem disser
a seu irmão *araca* será réo no conselho.

Voz chaldaica *raka* ou hebraica *rak*,
que ambas significam *toló, insensato,
desmiolado, cabeça dea (capite vacuo)* etc.
A proposito do livro *GALERIA DE FIGU-
RAS PORTUGUEZAS* por Luiz Augusto
Palmeirim escreve Camillo Castello
Branco, com cruciante humorismo, na
BIBLIOGRAPHIA — 1^o anno (1879), n. 4,
pag. 52:

« O eminente observador continuou
as chufas de ALMEIDA GARRETT dos
barões, nas *Viagens da minha terra*.
GARRETT morreu Viscon le para expiar;
porque dizem os livros sagrados: «não
chamarás *raca* a teu irmão». *Raca* entre
os essenios no dialecto arimeu, de pro-
cedencia semitica, correspondia a *barão*;
outros orientalistas um pouco mais
sabios que eu dizem que *raca* é *asno*.
Servem ao caso ambas as interpre-
tações.

Continuou PALMEIRIM tambem a so-
tyra dos titulares de MANOEL ROUS-
SADO.

Ora, ROUSSADO, aquelle jovialissimo
espirito, levou a inauguração dos
barões até se fazer barão a valer. Elles,
os chacoteados, diziam: «Estão verdes»
E vae o folhetinista das convulsas ri-
sadas cingiu na frente a corôa feudal
do solaréngos da idade média, para
humilhar os collegas que lhe escou-
ceavam a sombra.»

Cahem a pello os dois seguintes
versos francezes nos quaes se depara
applicado apropositadamente o voca-
bulo *araca*. Eil-os:

Costmoi que vótre prose en colère a choisi;
Vous me criez: *Raca*; moi, je vous dis: *merci*!

Por associação de idéas traremos á
collação os dois conceituosos versos
da satyra 1^a de Boileau:

*Je n'ai puis rien nommer, si ce n'est par son nom.
J'appelle un chat un chat, et Rollet un fripon.*

Rollet, a quem allude o poeta, era
um *procureur au parlement, bien connu
par son habilité et ses friponneries*.

E a epigraphe do *Farol Maranhense* do
n. 40, de 17 de Junho de 1833, para o
dianite, conforme refero o Dr. Antonio
Henriques Leal no *Pantheon Maranhense*
— tomo I. pag. 208 em o esboço bio-

graphico de José Candido de Moraes e
Silva:

*De circumloquios nada sei.
O caso conto como caso foi:
Na minha phrase, da constante lei,
O ladrão é ladrão, o boi é boi.*

Em contraposição não podemos
deixar de relembrar o sentencioso pen-
samento com que Eugène Pelltan, elo-
quente autor da *Profession de foi* du
XIX siècle, verbera os que, habitual-
mente, autepoem o motejo soez ao gra-
cejo polido: *L'insulte n'est qu'une ma-
nière brutale de se dispenser d'avoir de
l'esprit*.

GUILHERME BELLEGARDE.

CONTEMPORANEAS (*)

FLOR CARNIVORA

(A LUCINDO FILHO)

Ha uma flor de lindo aspecto
e colorido brilhante,
cujo perfume fragrante
atrahe ao calix o insecto.

As azas fechando e abrindo,
este o mel nectareo bebe,
no emtanto a flôr o recebe
as petalas contrahindo.

Contrahe-as e se abotôa,
e tanto os nervos constriuge,
que a corolla o suor tinge
da seiva que alimentou-a.

Ena rescendente cella
o aventureiro encerrado,
depois de a flôr ter sugado.
eil-o sugado por ella.

Tal a sorte da alma louca,
que atrahida pelo goso,
o doce philtro amoroso
vae beber em tua bocca.

Pois, és a imagem exacta
da bella flôr assassina,
que mellifica e fascina,
perfuma, seduz e mata.

AUGUSTO DE LIMA.

(*) Offerecemos aos nossos leitores mais
uma primicia de uma obra litteraria; foi-nos
enviada por nosso Agente Literario em
S. Paulo, o Sr. Max Fleiss, que a conseguiu
do illustrado poeta Dr. Tu. Dias, prefaciador
das *Contemporaneas*.

O combate da passagem da Laguna

Guerra civil do Rio Grande do Sul

O quo existe até aqui publicado sobre
esse acontecimento é deficientissimo,
devido á falta de noticias exactas e do-
cumentos, facto muito commun a
quasi todo o periodo historico do pri-
meiro imperio e regencias, épocas em
que pouco se escrevia e em que a im-
prensa no nosso paiz iniciava apenas
a sua carreira.

Nestas circunstancias, sem desprezar
o subsidio dos dados existentes, recor-
remos amplamente á prova teste-
munhal, interrogando as reminiscen-
cias de diversos officios, que tomaram
parte na acção, e cuja honorabilidade
nos merece plena confiança.

O resultado dessa iniciativa é a nar-
ração que damos em seguida.

Havendo os republicanos riogran-
denses em Julho de 1839 invadido a
provincia de Santa Catharina, foi no-
meado presidente e commandante das
armas dessa provincia o general Aa-
dréa, posteriormente Barão de Caça-
pava, que tomou posse do governo a
17 de Agosto do mesmo anno.

O general Andréa acabava de dar
brilhantes provas de si na pacificação
da provincia do Pará, e nenhuma
escolha poderia ser mais acertada.

O illustre militar era apropriado
para o governo em épocas de crise.

Apenas chegou a Santa Catharina,
tratou com extraordinaria actividade e
firmeza do organizar forças, e, proce-
dendo a rigoroso recrutamento, comas
poucas praças existentes na provincia,
conseguiu crear dois batalhões, o do
Desterro e o da *Serra* e diversos esqua-
drões de cavallaria.

Para chegar a esse resultado, em
cerca de dois mezes, foi preciso em-
pregar os meios mais vigorosos, e as
primeiras familias do logar, em rela-
ções de amizade com o presidente, foram
coagidas, pela imparcialidade deste,
a mandar alistar os seus filhos (1).

Em virtude de factos mal interpre-
tados, tem-se feito ao general Andréa
uma reputação de dureza e ferocidade
que nada justifica.

Sem duvida, pela sua educação, pelo
seu temperamento e habitos militares
era inclinado ás medidas promptas, e
impulsões absolutistas; mas os seus
sentimentos cavalheirescos, inuito
accentuados, lhe impediam a pratica de
crueldades.

Jamais o seu character maculou-se com
a torpeza de uma atrocidade ou a mes-
quinhez de uma vingança.

O que o tornava respeitado e temido
era o tom peremptorio, terminante,
imperativo das suas palavras, a inaba-
lavel firmeza da sua vontade; mas,
tudo isso sem asperezas, sem odio, antes
temperado por um *humour* inextin-
guivel, que era um dos seus elementos
de governo e um traço muito saliente
do seu character.

Juntamente com o general Andréa
vierá do Rio de Janeiro o capitão de
mar e guerra Frederico Mariath, que
servira tambem no Pará, e melhor
complemento não poderia encontrar o
illustre presidente.

Frederico Mariath, homem activis-
simo, dotado de imaginação fervida,
sempre architectando projectos, era a
natureza mais comprehendedora e phan-
tasista do mundo; para elle não havia
plano impossivel.

Na vida publica ou particular Ma-
riath foi sempre o impetuoso cavalleiro
do ideal.

Dessas duas energias procedeu o em-
prehendimento temerario da passagem
da barra da Laguna, porquanto, como
ver-se-ha do correr desta narração,
trata-se ali menos de um projecto deti-
damente estudado do que de um facto
aventuroso, arriscadissimo, realizado
a todo o transe.

As forças republicanas, como disse-
mos, sob o commando de David Cana-
barro, procedentes do Viamão, pelas
Torres, tomaram, a 22 de Julho de 1839,
sem resistencia, a villa da Laguna, ha-
vendo o commandante da pequena
guarnição legal, o tenente- coronel
Villas Boas, abandonado a povoação á
aproximação do inimigo, retirando-se
para o Morro dos Cavallos.

Após alguma resistência, foram também tomados pelos republicanos, além de diversas embarcações mercantes e grande quantidade de material, quatro pequenos navios de guerra, entre elles o *Itaparica*, *Caçapava* e *Catharinense*, resistindo intrepidamente o commandante deste ultimo, Manoel de Jesus, um rudo e destemido marinheiro mercante ao serviço da armada nacional, que, na ultima extremidade, incendiou o navio, retirando-se por terra para os legaes.

Não deixou-se também atemorizado o brigue escuna *Cometa*, commandado pelo capitão-tenente Bernardino de Seina e Araujo, que, ao appropiar-se do inimigo, fez-se de vela, sahindo barra fora.

Ao mesmo tempo que a força partida do Viamão, havia Garibaldi prodigiosamente transportado, em duas enormes carretas puxadas por cem bois cada uma, dois grandes lanchões até á lagoa Tramandahy, donde, mais prodigiosamente ainda, conseguiu fazer sair ambos a barra da referida lagoa e ganhar o mar alto; naufragando, no dia seguinte, o lanchão commandado por Garibaldi, em frente á barra do Araranguá, entrando o outro lanchão, commandado por Griggs no porto da Laguna.

Nesse naufragio pereceu metade da equipagem do lanchão, composta de trinta homens, dirigindo-se Garibaldi, por terra, com os restantes, até a Laguna, a reunir-se aos seus.

O general David Canabarro entrou na Laguna a 23 de Julho e a 25 do mesmo mez foi proclamada a republica catharinense pela camara municipal do mesmo logar, que nomeou, por aclamação, um governo provisório, composto de Vicente Ferreira dos Santos Cardoso, como presidente da republica, e dois ministros, occupando as diversas pastas João Antonio do Oliveira Tavares e Antonio Claudino de Souza Medeiros. O presidente da republica, segundo Garibaldi, era: «um padro veneravel e que exercia grande influencia sobre toda a população.»

Este governo provisório promulgou diversos decretos, elevando á cidade a villa da Laguna, com a denominação de cidade *Juliana*, por haver sido, ali, proclamada a republica no mez de Julho, nomeando general em chefe David Canabarro e instituindo a bandeira nacional com as cores verde, branca e amarella.

Segundo Garibaldi, os catharinenses acolheram com grande enthusiasmo e satisfação as tropas republicanas; mas, o procedimento inconveniente e desdenhoso da soldadesca foi pouco a pouco alienando essas sympathias.

Após esses acontecimentos, Garibaldi foi encarregado de proceder ao corso pela costa, afim de obter alguns recursos e incommodar o inimigo, effectuando essa excursão com as escunas *Rio Pardo*, commandada pelo mesmo Garibaldi, *Caçapava*, pelo norte americano João Griggs e o lanchão *Seival*, pelo italiano Lorenzo, sahindo os referidos navios, á noite, a barra da Laguna, então bloqueada, sem serem presentidos pelas embarcações legaes.

Quando, porém, foi conhecido esse facto, seis navios legaes e a corveta *Regeneração*, commandada pelo capitão do fragata Joaquim Leal Ferreira, foram mandados por Mariath cruzar entre a embocadura do rio da Prata e Cabo Frio — immensa vastidão para tão poucos navios de cruzeiro.

Percorrendo a costa chegou, Garibaldi ate á altura da barra de Santos, onde encontrou a corveta *Regeneração*, que lhe deu caça durante dois dias, sem resultado; porquanto, sendo a *Regeneração* navio de grande porte e calado, não podia appropiar-se convenientemente de terra, havendo-se cosido com esta as pequenas embarcações de Garibaldi.

Refere Mariath que, de conserva com a *Regeneração*, andavam as canhoneiras 14 e 16, navios do mesmo calado que as embarcações de Garibaldi e que podiam perseguir-o com efficacia; mas isto não nos parece ser verdadeiro, a não ser que a proficiencia maritima do celebre *condottiere* conseguisse burlar todos os intentos. Entretanto, Garibaldi, sempre tão exacto em sua narração, sómente falla da perseguição da corveta.

No segundo dia de caça, perdida do vista a *Regeneração*, Garibaldi chegando-se á ilha do Abrigo, na barra de Cananéa, aprisionou duas sumacas carregadas de arroz, e, proseguindo a viagem para o Sul, fez diversas outras presas, as quaes guarneceu, arvorando nellas a bandeira da republica catharinense.

Cuidou, então, apprehensivo pelo que se estaria passando na Laguna, em voltar para esse logar; mas, na altura da ilha de Santa Catharina, encontrou o brigue escuna *Andorinha*.

Nessa occasião acrava-se Garibaldi sómente com duas embarcações, havendo-se, dias antes, durante uma noite, separado delle a escuna *Caçapava*.

A' vista da superioridade dos legaes, alguns commandantes das presas fugiram para a costa e outros entregaram-se, arriando bandeira. Apenas uma das presas, commandada por Ignacio Bilbao, resolutio marinheiro biscainho, dirigiu-se para a enseada de Imbituba, seguindo-o dahi a pouco um dos navios de Garibaldi, o *Seival*, com agua aberta e a peça desmontada, á vista do que, não dando resultado algum decisivo o combate com o brigue-escuna *Andorinha*, em consequencia do grande tempo e mar, e não podendo manter-se isolado na costa, Garibaldi entrou tambem em Imbituba.

Não podendo seguir para a Laguna, nessa occasião, por ser o vento contrario, e vendo que o brigue-escuna *Andorinha* inevitavelmente daria noticia da sua chegada a Imbituba, onde as embarcações legaes o viriam atacar, Garibaldi preparou-se para o combate.

Fez construir na ponta do Sul da enseada uma bateria com parapeto de terra, onde collocou a peça dismontada do *Seival*, amarrando á terra, no fundo da enseada, a escuna *Rio Pardo*.

As suas previsões realizaram-se, porque, no dia seguinte, ao romper do dia, tres embarcações legaes, o brigue-escuna *Andorinha*, commandado pelo capitão-tenente Romano, o patacho *Patagonia*, pelo primeiro-tenente Jorge Ottoni e a escuna *Bella Americana*, pelo primeiro-tenente d'Houdain, vieram atacar-o em Imbituba.

Durante grande parte do dia esses navios conservaram-se sob a vela, dando bordadas e canhoneando a escuna de Garibaldi e o pequeno forte, sendo o ataque tão de perto que, além da artilharia, empregava-se de ambos os lados a fuzilaria.

Os estragos não poderiam deixar de ser consideraveis da parte de Garibaldi, que havia temerariamente travado o combate tão desigual. A força de que

dispunha era pequena; os mortos e feridos a seu bordo já eram em grande numero, tornando-se essas perdas muito sensiveis; a embarcação, além disso, soffria grandes avarias.

Entretanto, depois de cinco horas de vivo fogo, os navios legaes, que haviam tido apenas dois mortos e alguns feridos, repentinamente, com grande admiração de Garibaldi, retiraram-se.

O illustre chefe italiano, attribue esse facto á morte do commandante d'Houdain, da escuna *Bella Americana*, o que não é exacto e devia ter sido produzido por qualquer outra causa.

Depois de reparados os estragos, aguardou Garibaldi; no dia seguinte, 4 de Novembro, a renovação do combate pelos navios legaes; mas, não reaparecendo estes, tornou a collocar o canhão no *Seival*, e, com o *Rio Pardo*, sahindo á noite da enseada de Imbituba sómente de madrugada, ao entrar na barra da Laguna, foi percebido pelos navios legaes, que lhe jogaram alguns tiros sem resultado.

Garibaldi foi recebido na Laguna com grande jubilo e admiração pelos seus.

Esta excursão de Garibaldi, em navios frageis e insignificantes, constitue, sob o ponto de vista militar, uma serie de actos de arrojo, muito raros e notabilissimos praticados pelo egrogi *condottiere*.

Emquanto esses factos se passavam, o general Andréa na capital da provincia preparava as forças expedicionarias de mar e terra destinadas á Laguna.

Da provincia do Rio Grande do Sul tinham-lhe sido enviadas quatro canhoneiras e um batalhão de linha, commandado pelo tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira.

Como dissemos, havia já o referido presidente organizado na provincia, com grande celeridade, dois batalhões, o do *Destero* sob o commando do major Moreira Freire, e o da *Serra* sob o commando do major Mello, official distincto e prestimoso, já bem conhecido pelo presidente durante a revolução do Pará.

Com essas forças, e mais alguns esquadões de cavallaria, formou o general Andréa uma brigada, de cerca de dois mil homens, dando o commando d'ella ao tenente-coronel José Fernandes.

Essa brigada seguiu por terra para a Laguna, e, apesar de tratar-se de uma viagem de quatro ou cinco dias, a pé, foi com extrema lentidão que fizeram o trajecto.

A força de mar sob o commando de Mariath foi mandada reunir, afim de aguardar ordens, na enseada de Imbituba, onde ainda encontraram incendiada uma das presas de Garibaldi.

Tendo chegado ao mencionado logar diversos espiões ou *bombeiros* do exercito, declarando achar-se fechada a barra com correntes, sobre embarcações e toda a força dissidente concentrada na villa, mandou Mariath participar esses factos ao presidente da provincia.

Determinou, então, o general Andréa que fosse organizada uma força de trezentos homens, de melhor gente, sendo 150 marinheiros e 150 soldados da brigada expedicionaria que, nessa occasião, vinha chegando ás proximidades de Imbituba.

O plano, constante de instrucções escriptas, enviadas a Mariath pelo presidente da provincia consistia no se-

guinte, a mencionada força de 300 homens seria transportada por um vapor da linha de paquetes que estava a chegar na capital, até ao norte do cabo de Santa Martha, no ultimo dia de vento sudoeste, que nessa occasião soprava, de modo a conseguir desembarcar a referida força a sota vento desse cabo, aproveitando a bonança do mar.

Essa expedição desastrosa e absurda, era destinada, não só a tomar de assalto a fortaleza da barra pelo lado de terra, e assim remover as correntes que fechavam a referida barra, como ainda a impedir a retirada do inimigo quando as forças legaes entrassem na villa.

Pareceria mais natural que, em vez de estar formulando planos e amontando disposições, fossem de Imbituba enviados alguns navios a logar tão proximo como a barra da Laguna, afim de nli reconhecêr e verificar o que havia de exacto relativamente a correntes, passadas sobre embarcações fundeadas, o que seria facilimo e de simples inspecção ocular, mas, foi justamente isso o que não se fez.

Não havendo, porém, chegado o vapor esperado tornou-se indispensavel abandonar o plano primitivo, e, começando a rincar o vento do sudoeste para leste e nordeste, era impossivel, por mais tempo, a permanencia da esquadilha em Imbituba, que nemlhum abrigo dava a esses ventos.

As embarcações, segundo Mariath, começaram a garrar, perdendo ferros e amarras, sendo obrigados a fazerem-se de vela, e um dos navios, nessa occasião, a canhoneira n. 16, do commando do capitão-tenente João Maria Wandenkolk, esteve proximo a perder-se, tornando-se necessario picar o mastro do traquete.

Essa enseada de Imbituba, onde tem havido grande numero de naufragios, só dá abrigo aos ventos do sudoeste, sendo inteiramente desabrigada aos do Nordeste, tornando-se, então, tempestuosa e revolta, o que é ainda aggravado pela extrema dureza do fundo da areia, que impede ás ancoras unhar.

Nestas circunstancias urgentes, achando-se o exercito proximo da Laguna, em Villa Nova, e fazendo-se necessaria uma decisão prompta, resolveu Mariath forçar a todo o transe a barra mandando disso immediatamente aviso ao commandante da força de terra.

DR. GAMA ROZA.

(Conclue no proximo numero.)

PERDÃO

Imploro o teu perdão, se chamas crime Aquelle meu olhar que tu condemnas, Quando ao lançal-o, obedeci apenas A' atracção natural para o sublime.

Mas esse olhar nenhuma culpa exprime; Antes, das maguas e amorosas penas Com que aos poucos a vida me envenenas, Vendo o que vi, inda peor senti-me.

Bem sei que tu coraste e o rosto alicto Rubro ficou, de lagrimas coberto; E é esse pranto que me faz constricto.

Mas, se pensares bem, verás de certo Quanto é doce ser réu desse delicto, Estando o teu corpête meio aberto.

OLIVEIRA E SILVA.

FESTAS LITTERARIAS

PALESTRA LITTERARIA E PEDAGOGICA
DA ESCOLA NORMAL DA CÔRTE

Effectuou-se no dia 30 do mez passado a sessão solenne de inauguração deste gremio de jovens e esperançosos trabalhadores, que se dedicam ás árduas carreiras das letras e do magisterio.

Esta festa inaugural deve ter encheido de jubilo os fundadores da nascente associação, assegurando-lhes geral e merecida sympathia.

Si fóra lito, como justo incentivo destacar dentre os oradores que se fizeram ouvir os nomes de alguns, sem mencionar o orador official, Sr. Valentim Magalhães, que tem um nome conhecido, apontariamos os Srs. Evaristo de Moraes e Alfredo Pedroso.

Nós, que estaremos sempre ao lado dos que trabalharem pelo progresso intellectual da Patria, damos aos novos trabalhadores todos os parabens a que fizeram jus.

PALESTRA LITTERARIA DE TODOS OS
SANTOS

Realizou-se no dia 26 do mez passado a 3ª reunião mensal desta sociedade.

Na primeira parte fizeram-se ouvir com applauso diferentes socios e em especial nosso collega da *Gazeta Tarde* o Sr. Campos Porto.

A segunda — a concertante — foi agradavelmente preenchida pelas Exmas. Sras. D. Amelia e D. Luzia Campos e os Srs. Francisco de Oliveira e Vicente Campos.

THEATROS E DIVERSÕES

CLUB BETHOVEN

Realizou-se no dia 19 do corrente o 115º concerto desta sociedade. Menos zeloso do que era dantes de seus thesouros de harmonia, esse *mosteiro musical*, a pouco e pouco, vne-se secularizando em beneficio das amadoras de musica transcendente, sem quebra da austeridade de que se cercou no principio de sua carreira. Estiveram presentes a essa festa intima diversas familias de socios, e o programma foi executado com grande satisfação de todos. O Sr. Kisman fez gemer com geraes applausos, no seu magico violino, a sua composição — *Regrets*, e o quinteto de Schumann, op. 44, teve nos Srs. Beck, Benjain, Gravenstein, Niederberger, e Alfredo Bevilacqua uma interpretação tão correcta e conscienciosa como o que mais o possa ser neste genero. O resto da noite foi preenchido com a execução de composições de Wieniarsky, Rattauchon, Spohr, Stradella, Mozart e Nepomuceno.

Não podia ser melhor a escolha, nem mais completa a combinação.

CONCERTOS POPULARES

O festival que estava anunciado para o Cassino Fluminense, realizou-se no penultimo domingo com grande concurso de espectadores e com a presença de SS. AA. II.

O programma soffreu na occasião algumas modificações, que, em nada, porém, prejudicaram o conjuncto dos concertantes.

Parece-nos que os esforços de Carlos de Mesquita vão sendo coroados com o exito de que se tem feito credores o seu talento e a sua actividade.

O ultimo concerto demonstra que, si os classicos não conseguiram ainda correr, em moeda miuda, todavia já estamos muito longe dos tempos em que certa especie de musica provocava, até mesmo em pessoas da classe culta, phenomenos iguaes ao do opio ou da morphina. Notamos, entretanto, que no Cassino, além dos representantes do *high life*, viam-se muitos burguezes amadores, que, pelo menos, mostraram perdido a superstição da *Traviata* e a *Norma*.

Destacamos a execução de tres peças do programma, e resumam as palavras seguintes as nossas impressões da *matinée*: — *Les Erimyes* de Massenet, pela orchestra, trecho de musica, em que se encontram effeitos magestosos de harmonia, sobresahindo no meio de uma massa considerabilissima de sons o rythmo estranho e imitativo da *Danza grega*; o *Romance e Habanera*, em que Arthur Napoleão revelou as suas sempre vividas qualidades de pianista sentimental; e a *Scena e Aria da Esmeralda*, de Carlos de Mesquita, em que este novel compositor accentua as suas tendencias para a arte moderna e que serviu a Exm. Sra. D. Cecilia Lage de motivo para ainda mais uma vez mostrar a riqueza e flexibilidade da sua voz de soprano.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Verificou-se no sabbado 26 do mez passado o 53º sarão-concerto deste excellente club, cuja directoria é sempre credora de immensos elogios pelo constante empenho de augmentar cada vez mais os attractivos das suas reuniões.

O sarão a que nos referimos foi dos melhores. Na impossibilidade de especializar encomios em uma festa em que todos os mereceram, transcrevemos o programma magistralmente organizado pelo Sr. Augusto Weguelin ao qual a execução correspondeu brilhantemente.

1ª parte — C. Saint-Saëns — *Ménét et Valse*, para piano, pelo Sr. Alberto Nepomuceno; Massenet — *Nuit d'Espagne*, romanza para tenor, pelo Dr. Costa Lima; L. Milloti — *L'Estasi*, romanza para soprano, por D. Clotilde Weguelin; M. Moszkowski — *Valsa de concerto*, opera 34, par piano, por D. Francisca de Mello Mattos.

2ª parte — Ed. Wolff e Vieuxtemps — *Fantasia para piano e violino*, sobre o *Oberon*, de Weber, por D. Eugenia Gamboa e o Sr. V. Cernicchiaro; Tito Mattei — *Rimane con me*, romanza de tenor, pelo Dr. Costa Lima; Paolo La Villa — *Sorridimi* valsa cantabile, para aoprano, por D. Clotilde Weguelin; F. Liszt — 2ª *Rhapsodia*, para dois pianos a quatro mãos, por D. Francisca de Mattos e o Sr. Alfredo Bevilacqua.

PRADO VILLA ISABEL

Com grande e escolhida concurrencia realizou-se neste prado, no domingo proximo passado, uma das melhores corrides deste anno.

Diversas Publicações

ALVEOLOS, versos de J. Osorio Duque-Estrada, com um prefacio pelo Dr. Sylvio Romero. Typ. da — Escola — de Serafim José Alves.

Bella e auspiciosa estrêa de um joven poeta que conta apenas dezeseite annos de idade.

O espaço e a natureza desta secção não nos permitem dizer quanto desejaramos ácerca deste livro, que nos vem revelar a existencia de uma notavel vocação poetica. E, para que o leitor possa desde já verificar que não somos exagerados, aqui lhe offerecemos a seguinte amostra tirada ás primeiras paginas do livro:

COLIBRI

Depois de libar ás flôres
O doce mel que extasia.
Abre as azas multicores
A' luz brilhante do dia;

— Duas azas furta-côres
Com tal graça e harmonia,
Que inspiram á poesia
A cançõeta das flôres;

O beijn-flôr innocente
Que vòs constantemente
Sempre mudando de flôr...

Lembra aquella que illudido
Vae, julgando o amor perdido,
Em busca de um outro amor!

O LIBELLO DO MONARCHA, carta (em verso) de um plebeu a D. Pedro II, por Felicio Buarque. — Recife.

O poeta dirige-se ao Imperador para:

«Mostrar-lhe, com certeza, em nome do Dever
Em face do Porvir, o que ha de acontecer.»

COMPENDIO DE GEOMETRIA ELEMENTAR, por H. B. Lubsen, traduzido do allemão o annotado por Carlos Jansen. do Imperial Collegio de Pedro II. — Laemmert & C., Editores-proprietarios. Para avaliar-se do merito deste compendio, basta lembrar que elle conta na Allemanha mais de vinte e cinco edições!

Por outro lado o nome do traductor, a quem tanto já deve a nossa litteratura didactica, é segura garantia da utilidade do livro.

REVISTA MARANHENSE, publicação mensal, litteraria e scientifica de Augusto de Britto. — Anno I. — N. 3.

O presente numero consta dos seguintes trabalhos:

A Escrava, por Maria F. dos Reis. — *A lei do interesse*, por Augusto Britto. — *Fantasia azul*, por J. A. — *A lucta pela vida*, por T. S. — *Invenção da Imprensa*, por L. T. — *De palanque*, por Eloy, o heróe. — *Poesias: Uma noite de Torquato Tasso*, de Franklin de Menezes. — *Sempre* (soneto), de Arthur Lemos. — *Romeu e Julieta* (idem), de Americo Azevedo. — (idem), de E. Machado. — *No leito* (idem), de P. Beasa. — *Motte*, de Z, e Expediente, da Redacção.

AS PRETENÇÕES TOLAS, versos de Candido Accioly Lins. — Rio de Janeiro.

Respeitamos o titulo escolhido pelo poeta, mas não nos parece que possa haver tolice em pretender conversar com ns musas e pedir-lhes um logar no reino dos bemaventurados.

Continue o poeta a pretender, ainda que tenha de exhibir novaes documentos probatorios da afinação de sua lyra.

REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA. Sêde — Escola Militar da Côrte. — Redacção a cargo dos Srs. Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Benjamin L. Barroso, Eduardo de Barros e Candido Marianno da Silva. — Anno I. — N. 2.

O fasciculo contém os seguintes trabalhos:

General Macedo, da Redacção; *Theorai da eliminacão*, por Candido Marianno da Silva; *Pensativa* (poesia), por Servilio Gonçalves; *Difficuldades dos principaes problemas de balistica*, por Frederico Luiz Rozsanyi; *H. Spencer e o evolucionismo*, por Athayde Junior; *Lições de arithmetica*, por Sebastião F. Alves; *Prelúdio*, por Edmundo de Barros; *Historia da Lua* (chronica), por Meduno.

REVISTA DE ENGENHARIA, publicação quinzenal, sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos. — Anno IX. — N. 174.

O presente numero consta do seguinte:

Mineração. — Ouro-Preto e as minas de ouro, por P. Ferrand.

Industria. — O assucar na Europa, por H. R.

Bibliographia.

Variadas. — Fontes de petroleo.

Actos officiaes. — *Noticiario*.

ANNAES DO PARLAMENTO BRAZILEIRO. *Camara dos Srs. Deputados*. — Segundo anno da terceira legislatura. — Sessão de 1835. — Colligidos pelo Conselheiro Jorge João Dodsworth. — Dois vols. — Typ. da Viuva Pinto & Filho.

O BRAZIL-MEDICO, *Revista semanal de medicina e cirurgia*, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré. — Anno I. — N. 44.

As materias contidas neste numero constam do seguinte aumunario:

Trabalhos originaes: — *Ankylostoma dnonal e ankylostomiasis*, pelo Dr. Adolpho Iutz. — *Sobre dois casos de enxerto animal* pelo Dr. Victor Britto.

Revista medica estrangeira: A pneumonia aguda, pelo prof. Jaccoud; — *Carta de Pasteur sobre a raiva*.

Noticiario: — Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — A sessão de 14 de Outubro da Sociedade Francaza de Hygiene. — Mortalidade do Rio de Janeiro.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, revista quinzenal sob a redacção e propriedade de Silva Figueiró. — Anno II. — N. 22.

Traz interessantes artigos contantes deste summario:

O importadores fraudulentos. — *Bolaa de Café*. — O proteccionismo nada protege. — *Companhia Força e Luz*. — Até no México noa censuram. — *Administração da marinha*. — *Leis de immigração*. — *Noticiario: New-York Life Insurance*; *Compa da estrada de Cantagallo*; *Propaganda industrial*; *Companhias estrangeiras*. — *Bibliographia*.

REVISTA ILLUSTRADA, publicada por Angelo Agostini. — Anno 12. — N. 473.

MEQUETREFE. — propriedade de E. J. Corrêa. — Anno 13. — N. 445.

A conceituada casa *Ao Rei dos Magicos* distribue agora uma interessante collecção de cartões-annuncios representando as mais notaveis descobertas scientificas, com as respectivys datas e os nomes dos autores. E' o que se pôde chamar: — *Ser util ainda... annunciando*.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado